

**FERNANDO DE AZEVEDO, MEU PAI**

*Lollia de Azevedo MARX*

Nossa vida em casa era diferente da de outras casas que frequentávamos. Percebi isso quando fui crescendo. Pelo fato de papai ser um homem excessivamente preocupado com a família, muito autoritário apesar de muito carinhoso. A preocupação era tão grande que, nos resguardando de tudo, nos tolhia muito.

Quando papai chegava em casa, depois de falar conosco e nos beijar, afastávamo-nos indo brincar onde não nos ouvisse. "Seu pai precisa trabalhar", como minha mãe dizia, sempre vigilante para que ele tivesse a paz necessária.

Nossa convivência com papai era mais às horas de refeições que, por isso mesmo, eram muito prolongadas. Nesses momentos papai e mamãe conversavam sobre nós e conosco, sobre assuntos gerais e sérios. Quando crianças, nem sempre nos interessavam essas conversas, mas prestávamos atenção. Com a idade fomos ficando muito bem informados. Quando meus pais não queriam que entendêssemos, falavam em francês. É claro que não demorou muito e acabamos entendendo; era a hora em que ficávamos mais atentos.

Papai recebia sempre muitos amigos, que em geral ficavam para almoçar ou jantar. Nós, as crianças, estávamos sempre à mesa e, para mim, era um encantamento poder ouvir o que diziam esses homens tão inteligentes e cultos. Queria muito ser como eles quando crescesse. A admiração que sentia por esses homens crescia comigo. Conheci todos, ou quase todos: Venâncio Filho, Frota Pessoa, Anísio Teixeira, Abgar Renault entre tantos e tantos outros. Grandes homens!

Quando adolescentes sentimos muito, principalmente meu irmão, a falta de liberdade que tínhamos. Meu irmão a conquistou, vencendo meu pai pela insistência e rebeldia. Mas nós, as mulheres, continuamos sob controle até nos casarmos. Meu irmão, como único filho homem, era para papai a esperança de um

prosseguimento em seu trabalho, para mamãe o preferido e para as irmãs muito querido.

Quando rapaz meu irmão sofreu um gravíssimo acidente de carro, tendo que ficar hospitalizado por meses. Quase morreu. Papai largou tudo, dedicando-se exclusivamente a ele. Foi nessa ocasião que ficou com os cabelos brancos rapidamente. Foi horrível para todos nós. Quando meu irmão já casado e com três filhos adoeceu, tendo que fazer três grandes operações e falecendo, meu pai ficou desesperado. Junto a minha mãe, que era uma mulher mais resistente ao sofrimento, alegre e uma grande companheira, ele sobreviveu. Um ano depois perderam Lívia, a filha mais velha, sempre tão amiga e tão ligada a eles: foi outro golpe terrível, quando ainda não estavam refeitos da perda do Fábio. Papai ficou muito amargurado, um pouco agressivo, o que se nota em seus escritos nessa época. Com o passar do tempo essa dor foi-se amenizando, papai ficou calmo, muito bom. Sempre forte, dominando na família, querendo sempre resolver os problemas das filhas e netos.

Papai, depois de duas operações, foi perdendo a visão, só tendo-lhe restado 10% numa das vistas, ficou quase cego. Fui então trabalhar com ele, ajudá-lo e com ele fiquei até seu falecimento. Escreveu até o fim de sua vida. Conseguiu escrever mesmo sem enxergar, depois eu lia o que ele havia escrito, corrigia ou modificava se assim ele achasse necessário.

Meu pai era um forte, uma grande inteligência, um trabalhador incansável, um batalhador. Um homem muito aberto para tudo, olhando sempre para o futuro. Até o fim trabalhou e lutou pelos seus ideais, pelo bem de sua família, com toda sua força e energia.